

O Palácio dos Carvalhos da Rua Formosa

*António Miranda
Helena Pinto Janeiro*

PRETENDE A PRESENTE NOTÍCIA BREVE DAR CONHECIMENTO das recentes descobertas efectuadas no palácio dos Carvalhos da Rua Formosa, ou Pombal como é mais conhecido, que era cabeça de um vínculo denominado Morgado da Rua Formosa.

A recuperação em curso, uma intervenção de consolidação com carácter de urgência, iniciada em Dezembro de 2002, numa primeira fase teve como objectivo principal travar o risco de derrocada do edifício, já que a fachada tardoz ameaçava desmoronar-se. Paralelamente, procedeu-se à reconstrução da cobertura e realizou-se uma série de sondagens pontuais em todo o edifício. Trabalhos estes que fizeram aparecer elementos até agora desconhecidos.

O edifício que actualmente identificamos como Palácio Pombal, propriedade municipal, objecto da presente notícia, é apenas parte de um extenso conjunto palaciano hoje amputado e na posse de diversas entidades.

O palácio primevo, de fundação seiscentista, terá sido levantado em estilo chão por Sebastião de Carvalho e Melo, avô do futuro Marquês de Pombal. No seu apogeu, na segunda metade do século XVIII, apresentava uma extensa implantação em L, constituindo-se em quatro núcleos edificados que se articulavam com um cenográfico jardim em patamares.

Na parte edificada a norte, junto à Rua da Academia das Ciências, e cavaleriças anexas instalaram-se, no século XX, os escritórios de uma unidade fabril, a Cometna, cuja fábrica cresceu no patamar inferior do jardim. Apesar de muito transformado, este núcleo mantém algumas salas abobadadas e parte significativa da monumental cozinha do palácio. Integra actualmente a Escola Superior de Dança. A partir deste corpo estabelecia-se a ligação às hortas, no lado oposto da rua. Um pequeno aqueduto e uma casa de fresco-passadiço galgam a Rua da Academia das Ciências. Esta última assegurava a ligação aos terraços sobre edifícios de apoio de onde se contemplavam as



Palácio dos Carvalhos. Fachada Principal vista de frente. Fotografia da Unidade de Projecto do Bairro Alto e da Bica



Palácio dos Carvalhos. Fachada Principal vista do ângulo da Rua do Século. Fotografia da Unidade de Projecto do Bairro Alto e da Bica

hortas, terrenos em que se ergueu um condomínio privado.

Dobrando a esquina para a Rua do Século, um segundo núcleo, o edifício de menores dimensões, hoje propriedade particular e atelier de arquitectura. Dele parte a extensa fachada principal que, acompanhando a ligeira inflexão da Rua do Século, abrangia dois outros núcleos, até ao Palácio Lançada, mais a sul. O corpo extremo foi sacrificado nos inícios de novecentos para dar lugar ao edifício do jornal *O Século*. O que subsiste corresponde à parte central e principal do palácio, na posse do município desde 1968. Apresenta três pisos, sendo um em cave, que devido ao desnível topográfico, corresponde ao andar térreo para tardo, por onde se acede ao primeiro patamar do jardim. Neste núcleo se pode ainda observar, entre outros elementos decorativos, magníficos estuques relevados rococó e um notável conjunto de silhares de azulejos dos séculos XVII e XVIII, alguns de proveniência desconhecida.

Um pátio interior de razoáveis dimensões, escondido por detrás da fachada-cenário onde

Palácio dos Carvalhos.
Lambril de azulejo com panóplia
de armas da Sala Azul.
Fotografia da Unidade de Projecto
do Bairro Alto e da Bica



se rasgam os portões monumentais de acesso ao palácio, une os três núcleos que chegaram até nós.

Os jardins em degraus, a tardo, estabeleciam ligação visual com as cercas dos conventos de Jesus e dos Paulistas e os jardins do Palácio Lançada, possibilitando uma magnífica vista sobre os campos e o Tejo.

Uma lápide na fachada principal indica ter sido no palácio que nasceu o futuro marquês, em 13 de Maio de 1699. Contudo, Francisco Santana (Revista Municipal, 1985) aventa a hipótese deste nascimento se ter registado em Alcântara, numa casa ao fundo da Travessa da Fiúza. O baptismo é que está documentado como tendo sido realizado, em 6 de Junho de 1699, na antiga Igreja da Mercês da Rua Formosa, cujo padroado pertencia à família. No palácio o marquês terá passado grande parte da sua infância e juventude.

Por razões de família ou profissionais, as estadas de Carvalho e Melo no palácio foram muito

alternadas. Também o terramoto de 1755 o terá levado a abandonar o palácio e durante os anos seguintes assistiu-se às campanhas de obras para a recuperação e engrandecimento do imóvel. Até à morte, em 1859, do 5.º marquês, Manuel José de Carvalho Melo Daun Albuquerque Sousa e Lorena, o edifício será a residência preferida, em Lisboa, dos Pombal. Depois, assistimos às primeiras partilhas do palácio. Contudo, é a partir de 1906 que se desmembra efectivamente o conjunto edificado. José Rodrigues Sanches, carvoeiro, adquire o corpo de esquina (actual atelier de arquitectura e restaurante); Alfredo Alves & Filhos adquire o núcleo junto à Academia das Ciências, o pátio, parte dos jardins e hortas, onde mais tarde se irá instalar a Cometa e, por último, em 1921, José da Silva Graça, proprietário e director do jornal *O Século*, instalado no contíguo Palácio dos Viscondes de Lançada, compra o corpo sul do palácio que será demolido para ampliação das instalações do jornal. A posse



Escadaria Nobre. Fotografia de José Barbosa



Palácio dos Carvalhos. Sala azul. Fotografia de José Barbosa

do núcleo principal do palácio mantinha-se, no entanto, num descendente da família, a quem a Câmara Municipal adquiriu o edifício em 1968.

Independentemente dos estragos que o terramoto de 1755 possa ter provocado no palácio, é a ascensão na hierarquia do Estado que vai levar Sebastião José a fazer obras de engrandecimento na casa de família.

O reconhecimento régio pelo estadista elevá-lo-á a conde, em 1759, o que se terá reflectido

no início da campanha de obras, como parece indiciar a pedra de armas aposta na fachada que abre para a Rua da Academia das Ciências, e a elevação a marquês em 1769. É depois desta data que parecem datar as obras mais significativas de engrandecimento do palácio, com as sumptuosas decorações de estuque, ao gosto rococó, do artista milanês João Grossi, de temática mitológica (Salão de Baile, Sala Verde e Escadaria), ou vegetalistas e estilizadas (Salas Rosa e Azul) que desmaterializam a espacialidade.

Uma pequena capela-oratório, ricamente decorada com moldurações rococó que envolvem medalhões relevados de temática religiosa atribuídos ao mesmo estucador, é então construída truncando o espaço outrora pertencente a um amplo salão seiscentista de tecto em caixotão de madeira pintada. Há notícia da existência de um oratório em 1754, mas não nos parece tratar-se do mesmo, dado existir um vão de janela de peito na cobertura que abria para o exterior e que está entaipado desde a segunda metade de setecentos, tendo recebido um medalhão de estuque. Uma intervenção de oitocentos subdividiu ainda mais esta área pelo que se perdeu a leitura precisa da sua fisionomia ao tempo do marquês. Graças à intervenção de reorganização da cobertura foi posta a descoberto parte significativa da decoração pictórica do tecto pré-terramoto. Trata-se de um conjunto de tábuas pintadas, datadas de finais do século XVII, que se pretende venha a ser restaurado e recolocado *in situ*. Apesar de incompleto apresenta uma interessante composição pictórica. No painel principal, reduzido a pouco menos de metade da primitiva composição, dois *putti* vestidos de índios com saíote e cocar de penas enquadram uma cartela onde sobressai uma cabeça de oriental (?) com turbante vermelho e longos bigodes loiros.

No jardim as obras de embelezamento criaram jogos de circulações muito particulares, já que o acesso ao patamar inferior se fazia, em parte, através de túneis sob as duas casas de

Palácio dos Carvalhos. Pormenor da pintura em tábuas de madeira de um tecto do século XVII, descoberto durante os trabalhos. Fotografia da Unidade de Projecto do Bairro Alto e da Bica



fresco criadas à semelhança de pagodes chineses que enquadravam lateralmente o patamar superior. Fontes e mirantes contribuíam para animar o espaço. Na plataforma superior destaca-se o lago central, em forma de caderna de crescentes, cujo repuxo simbolizava uma estrela de oito pontas, o que remetia para o escudo da família dos Carvalhos. A norte, uma fonte com nereide cavalcando um golfinho é enquadrada por uma construção em forma de arco, onde se inscrevia um medalhão representando a face de Neptuno, coroado por dois bustos de terracota, adossado a uma parede. Idêntica construção repete-se no lado oposto, em arco-mirante. Os alegretes foram revestidos por painéis de azulejos figurativos a azul envolvidos por sóbrios concheados, atribuídos à Fábrica do Rato e datáveis entre 1771 e 1774.

No patamar inferior, sob a plataforma, numa casa de fresco um golfinho jorra água.

A fachada-cenário, entrada nobre por excelência, talvez segundo risco de Carlos Mardel, ostenta pedra de armas de marquês sobre o vão de janela de sacada de cantaria mais elaborada, rasgado a eixo entre os dois grandes portais de espessas molduras arredondadas. Pelo lado sul acedia-se à entrada principal do palácio que conduzia, lateralmente, à escadaria de aparato que levava ao andar nobre, e, em frente, ao pátio, no fundo do qual existiam as cavaliças, saindo-se pelo portão a norte.

Em paralelo, Carlos Mardel desenvolveu uma cenográfica operação urbanística fronteira ao palácio, com o fim de engrandecer a envolvente. Um jogo barroco de linhas curvas e rectas permitiu o alargamento de parte da estreita Rua Formosa com a criação de duas meias-laranjas, tendencialmente simétricas. Numa, frente à entrada nobre do palácio, foi erguido o delicado chafariz, enquanto na outra se rasgavam elabo-



Pormenor do tecto da escadaria nobre. Fotografia da Unidade de Projecto do Bairro Alto e da Bica

rados portais de acesso a cavaliças (?). Entre ambas e vencendo a rampa dos Caetanos, eram levantados alguns edifícios de rendimento.

O edifício camarário que chegou aos nossos dias é, pois, o resultado de um acumular de transformações várias ao longo dos tempos. Por um lado somos confrontados com mudanças de atitude face ao estar e ao gosto, que se reflectem no viver o espaço. Uma catástrofe, o terramoto de 1755, leva igualmente a obras de remodelação. Por outro lado, a venda e o aluguer da propriedade em fracções vai criar uma nova espacialidade, dando origem a subdivisões e tornando estanques espaços outrora ligados.

No primeiro caso, estão as intervenções conhecidas realizadas por Sebastião José Carvalho e Melo que mantêm a lógica do aparato barroco.

Depois, os amplos espaços vão ser alterados por um novo sentido de intimidade burguesa. Subdividem-se salões, criam-se corredores. O novo espírito terá dado origem a uma campanha de

obras, provavelmente do fim do primeiro quartel do século XIX, como parecem indiciar as pinturas neoclassicistas de algumas das salas do rés-do-chão.

Alterado o seu uso original de residência palaciana unifamiliar, a adaptação a novas funções, com a manutenção de habitação no piso térreo e na cave, e a instalação de serviços no andar nobre e sótão, teve os seus custos que se reflectiram numa nova compartimentação, introduzindo cortes nas circulações e espaços.

O levantamento e remodelação da cobertura tornaram legíveis algumas das principais transformações introduzidas no andar nobre que nos finais de seiscentos apresentava uma sucessão de três grandes salões abertos à Rua Formosa, cujos tectos de caixotão deveriam ser todos de madeira pintada, e, muito provavelmente, se abria em U para o jardim a poente, para onde abria o grande salão que corresponde ao actual salão nobre, a sul, e a entrada principal, sobre a cozinha, a norte.

Ao nível do rés-do-chão, uma sondagem junto à escada de cantaria que leva deste piso à cave, permitiu reconhecer uma escada, de configuração helicoidal, que identificamos como sendo de meados do século XIX. A presença desta escada obrigou a repensar todo o sistema de circulações que partindo da cozinha, na cave (piso térreo do nível do jardim), levava ao piso térreo, ao andar nobre e ao sótão onde, também em oitocentos, haviam sido construídas instalações para a criadagem. Esta circulação permitia percorrer todo o edifício na vertical, estabelecendo ligação a corredores entretanto criados, sem passar pelas áreas nobres.

Quando se dá a separação física entre os diferentes pisos, nos inícios do século XX, no rés-do-chão e na cave mantinha-se a função habitacional, (estava alugado ao maestro Luís de Freitas Branco, e só a partir de 1986, será cedida, a título precário, à Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas que aí permaneceu até 2002), enquanto no piso nobre se instalavam sucessivas instituições (a Confederação Geral do Trabalho, em 1913, a que se seguiu a Legação Alemã, e depois a Casa da Madeira, que aí se permaneceu de 1927 a 2002), foi cortada a ligação da referida escada que foi emparedada.

A portaprincipal de acesso ao palácio, emparedada pelo interior desde de inícios de novecentos, voltou agora a estar à vista, revelando um sistema de ferragens inalterado e em bom estado de conservação.

No corpo sul que ligava ao corpo demolido, o último vão de janela de peito deu origem a uma porta, o que obrigou a uma série de transformações interiores que descaracterizaram toda a área. Foi rasgada uma escada, de fraca qualidade arquitectónica, de modo a permitir um acesso directo ao piso nobre. Esta solução criou uma ruptura em duas pequenas salas sete-oitocentistas que ficaram unidas e parcialmente esventradas. No piso térreo fazia desaparecer parte de

um sistema de circulação secundária, feita por escadas de cantaria, que ligavam a cave ao piso térreo e daqui seguiriam para o andar nobre por uma outra escada de madeira, que foram emparedadas e entulhadas. Foi possível, agora, pôr a descoberto a quase totalidade destas escadas (apenas desapareceu parte de um patamar de cantaria) e, talvez, num futuro próximo se reponha a circulação primitiva.

Com a recuperação do corpo do palácio de propriedade camarária, estão a ser restabelecidos ligações e elos escondidos. Pretende agora criar-se uma lógica que permita conciliar as diversas intervenções cronológicas, que com critério e algum bom senso possam contribuir como uma mais-valia futura neste património que é de todos.

EMPREITADA DE CONSOLIDAÇÃO E REFORÇO ESTRUTURAL

DONO DA OBRA

Câmara Municipal de Lisboa – Direcção Municipal de Conservação e Reabilitação Urbana – Departamento de Reabilitação e Gestão das Unidades de Projecto – Unidade de Projecto Bairro Alto e Bica.

DESIGNAÇÃO DA OBRA

Empreitada n.º 5/2002/GLBA – Reabilitação Estrutural do Palácio Pombal.

VALOR DA OBRA

726.999,21€ + 75.998,20 (1.º adicional).

INÍCIO DOS TRABALHOS

12 de Dezembro de 2002.

CONCLUSÃO PREVISTA

4 de Dezembro 2003.

FISCALIZAÇÃO

Unidade de Projecto Bairro Alto e Bica.

PROJECTISTA

A2P – Eng.º João Appleton.

EMPREITEIRO

ENGIL, Sociedade de Construção Civil, S. A.

Colaboração de

Mural da História – Restauro de Pintura Mural, Lda. (intervenção de consolidação e escoramento de estuques e pinturas parietais).

K4 – Conservação e restauro, Lda. (acondicionamento de fragmentos de tecto policromo sobre madeira).

OUTRAS COLABORAÇÕES

Museu da Cidade – Divisão de Museus e Palácios da CML:

equipa de Arqueologia; equipa de Azulejaria; equipa de Museografia; equipa de Conservação e Restauro.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

A. Ludgero Castro, Lda – sondagens de policromia, consolidação, conservação e restauro dos estuques decorativos da capela e tecto da escadaria principal. Conceição de Almada Gil Borja e Menezes – consolidação, conservação e restauro dos estuques de paredes e tectos da entrada principal.